



Jornalismo Literário e suas Representações Linguísticas¹

Fernando Tadeu Germinatti²

Michele Cristina Morais de Carvalho³

Edla Tiemi Okado⁴

Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP)

RESUMO

O presente trabalho teve como proposta estudar e averiguar as características do Jornalismo Literário. Para isso partimos por uma das obras do escritor Truman Capote, *A Sangue Frio*, cujo livro se tornou um dos marcos referenciais do New Journalism. Analisamos as características do texto jornalístico junto à literatura, com o objetivo de produzir reportagens mais profundas, amplas e mais detalhistas, assim como propõe o jornalismo literário, que valoriza o vocabulário do relato e da narrativa jornalística. O estudo consistiu a uma reflexão que permitiu entender o papel do jornalismo literário e suas representações.

Palavras-chaves: Jornalismo; Literatura; Vocabulário; Narrativa.

1. Introdução

A literatura sempre se fez presente no jornalismo, essa aproximação entre as duas áreas é evidentemente percebida desde as primeiras produções dos textos jornalísticos, ambas as áreas trocam influências, e assim por muito tempo se confundiam. Ainda no século XIX, no menu dos jornais, a literatura podia ser encontrada em forma de textos avulsos, em verso, em conto, resenha ou em prosa. O jornal era feito de literatura, era produzido por escritores que buscavam encontrar ali espaço que não tinham nos livros (Woitowicz, 2003, p.18).

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ) – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação Expocom – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Aluno do 7o. semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP), email: germinattifer@outlook.com

³ Aluna do 5o. semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP), email: micka_morais13@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP), email: edla@unirp.edu.br



Praticando um jornalismo com fortes características literárias alguns dos mais importantes escritores brasileiros tiveram participação na imprensa por meio dos periódicos, dentre os mais destacados escritores estão Euclides da Cunha, Machado de Assis e José de Alencar que contribuíram para que jornalismo e a literatura andassem de mãos dadas até o início do século. Desta forma, este trabalho analisou a relação do jornalismo com a literatura, duas áreas paralelas, que se completam, e que quando bem trabalhadas podem render belos e duradouros frutos.

2. Jornalismo e literatura

Até o século XX o modelo francês de jornalismo era utilizado como referência principal, pois a escrita jornalística se aproximava da literatura. Os jornais funcionavam como um meio em que os escritores apresentavam ali suas obras. Foi a partir do século XIX, através de sua difusão no meio jornalístico, os autores passaram a utilizar a crônica como meio de análise subjetiva de acontecimentos cotidianos.

Para Bulhões (2007), o campo e a proximidade entre o jornalismo e a literatura registram-se juntos uma história rica de cumplicidade, no Brasil, o jornalismo era feito sobretudo, formado pela literatura e pelo jornalismo. Ainda de acordo com Bulhões (2007), no jornalismo, a linguagem é meio, e não o fim; enquanto que na literatura, a linguagem pode ser colocada como um fim, centro das atenções.

Assim sendo, todo o texto literário torna-se insubstituível, torna-se único, marcante, ultrapassando por assim dizer todos os limites simples do cotidiano e da pura burocracia do lead. O Texto literário abre uma nova gama de oportunidades no jornalismo incerto dos dias atuais, é uma opção de se fazer o mais puro e centrado jornalismo de fato.

O autor enfatiza ainda que, o texto literário é insubstituível, pois, se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo a ser informado, ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que não existia. Nesse sentido, todo o texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz (Bulhões, 2007, p. 13-4).

Entende-se que o Jornalismo constitui-se como um espaço de diálogos de diferentes e amplos discursos, nada mais é do que uma tentativa de fazer uma construção mais clara possível da realidade, nesse cenário, a literatura quando bem aliada ao jornalismo



enriquece a narrativa jornalística, trazendo para o texto noticioso o prazer da leitura e o enriquecimento do imaginário.

De acordo com Gadini (2009, p. 50), o discurso jornalístico é compreendido como um dos inúmeros produtos que circulam no espaço social, ou seja, que se situa a noção de construção de uma realidade. Assim, os discursos jornalísticos se configuram e se constituem como formas possíveis de compreensão e, conseqüentemente, de construção da vida social e da realidade cotidiana.

A literatura se apresenta como um caminho viável para sair da padronização dominante no jornalismo atual, a união do jornalismo com a literatura é um meio que expande as possibilidades para a propagação da mensagem jornalística e avança para além dos limites do lead noticioso.

3. New Journalism ou Jornalismo Literário

Pode ser reconhecido como um gênero ou uma atitude jornalística que nasce nos Estados Unidos ainda na década de 60, onde encontra em sua principal marca a tarefa de mesclar jornalismo e literatura. O New Journalism reconfigurou o jornalismo praticado no mundo até então, abalando consideravelmente as estruturas rígidas da tradicional textualidade jornalística.

O Novo Jornalismo é considerado também, como Jornalismo Literário, do qual consagra como escritores, Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Gay Talese e Truman Capote expoentes e mestres no movimento. Em grande parte, esses escritores incorporaram técnicas literárias em seus textos indo contra as marcas de objetividade tão presentes em textos comuns dos jornais. O Novo Jornalismo explora as situações do dia a dia, o mundo comum. “O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2006, p. 60). Formado com o objetivo de reunir literatura e jornalismo com a vontade de humanizar reportagens, o New Journalism pretendia fazer um esforço para quebrar com o antigo modelo do ‘fazer jornalístico’, baseado ainda na antiga fórmula do lead e do sublead, ou seja, objetivava-se responder às fundamentais seis perguntas que compõem um lead: "quem", "o quê", "onde", "quando", "por quê" e "como", com a intenção de quebrar com a pura objetividade. O New Journalism carrega consigo a marca do jornalismo literário com a crescente movimentação de vencer a visão objetiva dos fatos.



Diferentemente do Jornalismo convencional, o Jornalismo Literário não usa “lead”, ele segue outro caminho ao fazer uma abertura dos parágrafos iniciais de maneira diferenciada. A estrutura do texto não se faz por meio de padrão tradicional do relato jornalístico, neste gênero, a escrita é passível da inclusão de diálogos, e da intervenção do narrador. Um dos ganhos do jornalismo literário é justamente na abertura à contextualização entre os acontecimentos.

3.1 O Jornalismo Literário no Livro-Reportagem

O livro-reportagem trabalha para ser uma extensão da reportagem, dando assim, um aprofundamento no tema ali tratado. Ele vai bem além de uma reportagem factual, e quando bem produzido penetra e levanta os problemas sociais enfrentados pela sociedade.

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. Essa missão escapa muitas vezes ao jornalismo cotidiano e ganha cada vez mais guarida no livro-reportagem. (LIMA, 1995, p.68)

Assim, o jornalismo e literatura permitem que o autor tenha liberdade para discorrer o tema de forma mais detalhado. O escritor tem, através dos livros-reportagens, um espaço que não encontra em um jornal diário, onde as reportagens precisam ser mais objetivas e claras.

[...] Tal tendência de um jornalismo de livros soa como um caminho que afirma atributos essenciais da vivência jornalística, ao mesmo tempo que não esconde o tributo que deve à literatura. Esse parece ser um cenário em que mais uma vez jornalismo e literatura acertam seus passos. E as convergências se renovam. (BULHOES, 2007, p. 202).



4. Truman Capote - A Sangue Frio

A Sangue Frio, do jornalista Truman Capote, foi lançado em 1965 e classificado como romance de não-ficção. O livro-reportagem conta com detalhes minuciosos o brutal assassinato de quatro membros da família Clutter, em Holcomb, Estado do Kansas. O que não seria possível escrever em uma reportagem para um jornal diário. Em *A Sangue Frio*, Capote contou a história dos assassinatos nos mínimos detalhes partindo de depoimentos dos próprios assassinos, de pessoas envolvidas na investigação, e ainda de vizinhos e pessoas próximas da família.

Contando com riqueza de detalhes o dia em que antecedeu os assassinatos, Capote nos prende com um texto impressionante, extremamente cuidadoso em sua forma de apurar e escrever. Mesmo percebendo certas atitudes dos oficiais a investigar o crime, o autor não deixa explícito no livro, mas um leitor atento consegue visualizar tudo o que Truman deixa nas entrelinhas do texto.

Partindo da arte de apurar, Truman Capote demorou certo tempo para escrever o livro. A matéria sobre a “história da família Clutter” foi publicada no jornal **The New Yorker**, e alguns anos depois sai à publicação do livro. No livro, Capote acompanhou até o último minuto de vida dos assassinos condenados a pena máxima para esse tipo de crime no Kansas por morte de enforcamento.

A publicação de *A sangue frio* rendeu muitos debates no mundo intelectual, a partir da conclusão da obra desenvolveu-se novas formas de fazer jornalismo, pois a atitude de Capote em produzir um livro aliando literatura e investigação jornalística surpreendeu e rendeu-lhe certos prestígios e destaques.

4.1 A Narrativa de *A Sangue Frio*

Em um texto noticioso a narrativa vem como elemento secundário, pois o objetivo central é a informação do fato, e não a narração. Porém, em *A Sangue Frio*, Truman Capote traz o elemento a narrativa como elemento fundamental na construção da história. Se torna uma espécie de “personagem coringa” pois o peso que tem dentro da obra é como se fosse um personagem principal, como Dick Hickcock ou Perry Smith, por exemplo.



Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconhecemos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. (DIMAS, 1985, p. 5)

Tom Wolfe, no livro *The New Journalism*, enumera os quatro recursos literários a serem aplicados no New Journalism, um deles é a construção cena a cena. Assim, elementos da narrativa são características principais do New Journalism.

Além de um determinado tipo de reportagem-observação que busca a informação que está na cabeça das pessoas (seus pensamentos, emoções, em torno do acontecimento central) e aquela que está no modo de vida dos envolvidos (tudo o que os situa socialmente, de tipo de vocabulário, olhar, maneirismo, até o que comem, onde moram etc.), Wolfe propõe como característica principal do Novo Jornalismo, para ele um novo gênero literário, a utilização pelos seus autores do instrumental da literatura, isto é, das técnicas do realismo: da construção “cena-a-cena” ao diálogo (narração mais linear e reprodução das conversas), do ponto de vista da terceira pessoa ao registro dos detalhes simbólicos, da vida cotidiana dos envolvidos (nesses dois últimos casos, conforme ligação com a necessária reportagem-observação mencionada antes). (FERRERIRA JÚNIOR, 2003 p. 286-287)

Capote fez com que um crime que muitos pensavam ser apenas um caso policial se tornasse algo muito maior, isso devido à construção cena a cena feita pelo jornalista. Por conta disso, foram seis anos escrevendo o livro-reportagem.

O primeiro contato que o leitor tem com a obra é a partir da descrição do espaço físico, e isso que mantém a atenção ou não o leitor. Capote faz isso muito bem quando logo no primeiro capítulo, nas primeiras páginas ele descreve a cidade de Holcomb, no Kansas, onde tudo aconteceu.

A cidade de Holcomb fica nas planícies do oeste do Kansas, lá onde cresce o trigo, uma área isolada que mesmo os demais habitantes do Kansas consideram distantes. A uns 110 quilômetros da divisa entre o Kansas e o Colorado, a paisagem, com seu céu muito azul e o límpido ar do deserto, tem uma aparência que está mais para o Velho Oeste do que para o Meio Oeste. O sotaque local traz as farpas da pronúncia cortante da pradaria, a



nasalidade dos caubóis, e os homens, muito deles, usam calças apertadas, chapéus Stetson e botas de salto alto com bicos pontudos. (CAPOTE, 2003, p. 21)

Segundo Capote, a cidade poderia ser vista de longe. Não que houvesse muito para se ver. Esse trecho pode ser visto como uma sutil crítica do autor a cidade que era pequena. Essa crítica pode ser vista sendo feita devido à diversidade cultural e territorial existente entre Holcomb e Nova York, cidade em que o autor cresceu.

Capote além de descrever os espaços físicos com muita precisão, descreve também os personagens, e o espaço social em que vivem para a construção dos personagens.

O quarto de Nancy era o menor e mais pessoal da casa – um quarto de moça, e tão cheio de rendinhas quanto um tutu de bailarina. A parede, o teto e tudo o mais, com a exceção de uma cômoda e de uma escrivaninha, era cor-de-rosa, azul-claro ou branco. A cama branca e cor-de-rosa, coberta de almofadas azuis era dominada por um imenso urso de pelúcia branco e cor-de-rosa. (CAPOTE, 2003, p. 85-86)

Essa descrição minuciosa de Capote permite ao leitor entrar na história. Conhecer o ambiente em que a família vivia, e os que eram próximos. Em um texto noticioso os leitores não tem essa oportunidade de conhecer tudo o que ocorreu com riqueza de detalhes, como foi tratado na obra *A Sangue Frio*.

5. Revista Piauí a exemplo de Jornalismo Literário em tempos atuais

Tendo sua primeira edição lançada em agosto de 2006, na edição da Flip-Festa Literária internacional de Parati, a revista foi inicialmente idealizada pelo documentarista João Moreira Salles, diretor da videofilmes em parceria com o editor Luiz Schwarcz da Companhia das letras.

E assim desde então, a revista tem em sua base editorial a prática do jornalismo literário, onde mantem vivos os elementos literários que tomaram forma como o New Journalism. A revista não só recupera e traz consigo as ideias do movimento jornalístico como oferece uma nova vida ao jornalismo literário.



O conteúdo jornalístico presente na revista surge como uma alternativa contra a linguagem burocrática, constante e engessada do jornalismo atual, tanto em jornais como também em revistas. Pode-se perceber que o espaço literário contido na revista faz com que os textos se transformem em textos estilosos, bem combinados, com informações que chegam aos seus leitores de forma clara e precisa, a exemplo que se segue abaixo:

”Desculpa, querida. É uma festa privada”, Renato Franco de Mello gritou do alto do balcão de seu palacete, no número 1919 da avenida Paulista, em direção à mulher que, da calçada, pleiteava um lugar na festa. A loira de cabelos platinados seguia à risca o *dress code* dos convidados. Naquela tarde de 12 de abril, porém, se o anfitrião abrisse a porta para todos os que chegassem vestindo a camisa da Seleção brasileira, sua casa não teria como acomodar tanta gente. O espaço, com ares aristocráticos e a fachada meio em ruínas, deixaria de ser VIP. (SCARPIN, Paula; PIRES, Carol. Revista Piauí. Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-104/esquina/o-grito-do-casarao>. Acesso em 25 de maio de 2015)

De forma mais criativa os textos produzidos na revista trazem ao leitor a mensagem jornalística em uma linguagem diferenciada dos demais instrumentos e meios de comunicação impressos, seus textos apresentam-se com textos bem descritivos e interpretativos, constando a presença de diálogos e de descrições minuciosas dos fatos noticiosos. A revista que desde o seu lançamento sempre se destacou de maneira singular principalmente do seu comportamento diante dos temas abordados, pois seus textos bem descritivos atraem e chamam atenção do leitor para o mundo e o local que está ocorrendo o acontecimento. São reportagens construídas a partir de estruturas narrativas, os repórteres não ficam presos nos fatos expositivos, e são livres para humanizar personagens. A partir do estilo narrativo, é possível conhecer melhor a trajetória dos personagens, enriquecer com detalhes simbólicos como gestos, olhares, poses, hábitos, modo de andar, expressar e concomitantemente o leitor constrói a imagem mental dos ambientes e personagens que compõem a reportagem, instigando o leitor ao prazer da leitura. O periódico carrega também, uma contribuição para a cultura científica, pois se dedica a vários aspectos da cultura brasileira, onde abordam ciência e tecnologia, afim de agregar cultura científica e contribuir com a reinserção da ciência na cultura.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise e estudos sobre o New Journalism, concluiu-se que essa técnica une jornalismo e literatura presente em alguns meios jornalísticos e também em livros-reportagens. Ainda hoje a junção de jornalismo e literatura se faz presente em livros-reportagens ou em revistas, de modo a apoiar na construção de texto jornalístico, fortificando a mensagem que se pretende passar ao leitor.

Com o surgimento desse tipo de narrativa, acrescentou-se mais um modo de se fazer jornalismo. Os livros-reportagens dão a chance para os jornalistas se tornarem escritores de histórias reais. Histórias que na maioria das vezes interessa e muito o público, pois conta com riqueza de detalhes, através de uma minuciosa apuração, os reais fatos que ocorreram.

A referência a Truman Capote para o New Journalism é incomparável, pois além de usar as novas técnicas, ele trouxe ao conhecimento público a história que os noticiários não contaram. Com detalhes do assassinato, e com as análises psicológicas dos assassinos, Capote consegue prender a atenção de todos, e propagar o estilo do New Journalism, informando de um jeito diferente, mais atrativo, colocando até mesmo a própria visão na narrativa.

Em suma, o jornalismo e a literatura sempre andaram de mãos dadas, quando bem combinadas tornam o texto mais completo e marcante para o leitor, pois carregam consigo marcas que se tornam riquíssimas em um texto jornalístico, como por exemplo, um registro mais detalhado dos fatos, dos gestos, e da psique dos personagens. Entende-se ainda que apesar dos meios jornalísticos variarem, o jornalismo e a literatura podem se completar e se misturar em qualquer que seja o meio, e quando feito é capaz de levar ao leitor uma visão diferente do mundo.

Atualmente, um jornalismo com o privilégio do tempo, pode ser apreciado na revista PIAUÍ, da qual produz grandes reportagens e singelos artigos, com humor inteligente, informações relevantes e cheios de histórias sobre política, literatura, economia, música, arquitetura, história, e futebol. A revista pode ser enquadrada perfeitamente no que se convencionou chamar de jornalismo literário, já que parte do princípio de elementos comuns à produção literária - enumeração de cenas, descrição delineada de ambientes e personagens e a fuga da objetividade. O periódico não possui uma temática específica, e nem aborda temas explorados pela mídia, não possui manchete de capa e uma linha editorial definida, desta forma, permite ao repórter, liberdade em seus textos, sem a obrigação da pirâmide invertida e do lide, possibilitando os textos serem longos, subjetivos, irônicos, divertidos, instigantes e até mesmo, fictícios.



REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1985.

FERREIRA JÚNIOR, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contradiscursos, o Novo Jornalismo, O Romance-reportagem e os Livros-reportagens**. São Paulo: Edusp, 2003. - (Ensaio de Cultura; 24)

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses Cruzados – a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica e entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. R.J. Agir. 1958.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. S.P. Hacker. 2001.

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.



PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA, Antonio Olinto. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

ROGÉ, Carlos. **Literatura e política: práticas políticas**. São Paulo. Edusp. 2004

SCARPIN, Paula; PIRES, Carol. Revista Piauí. Disponível em:
<<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-104/esquina/o-grito-do-casarao>>. Acesso em: 25
de maio de 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOITOWICZ, Karina Janz. Recortes do tempo na escrita do jornal Diário da Tarde; **História e Sociedade no cotidiano jornalístico da capital paranaense no início do século XX**. In: I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2003, Brasília. SBPJor - I Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, 2003.